

ECOARTIVISMO

ZAGUT



Adriana Montenegro . Adrienne Schreiner .
Alejandra Phelts . Ana Luiza Mello . Ana Morche . Ana Schieck .
Andres Papa . Augusto Herkenhoff . Belladonna . Betty Zajdenberg . Carla Crocchi .
Carlos Hollanda . Celina Nolli . Celso Adolfo . Cerise E. Chica Granchi . Christiano Whitaker .
Claudia Carneiro . Claudia Tolentino . Cunca Bocayuva . Deneir . Dirce Fett . Dora Portugal . Eduarda Serra .
Gloria Conforto . Gringo Carioca . Heloisa Alvim . Hortensia Pecegueiro . Ilda Fuchshuber Falacio .
Iraceia de Oliveira . Isabella Marinho . Isis Braga . Itefania Rubino . Jorge Cerqueira . Lando Faria . Leila Bokel .
Lenn Cavalcanti . Let Cotrim . Lia do Rio . Liana González . Luah Jassi . Lucia Lyra . Luciane Villanova Cardoso . Lucio Volpini .
Marcelo Veiga . Marcia Cavalcanti . Maria Cecília Leão . Maria Verônica Martins . MarQo Rocha . Marta Bonimond .
Marta Strambi . Mary Di Iorio . Mauricio Theo . Mauricius Farina . Miguel Hijjar . Miro PS. Nadia Aguilera . Noemi Ribeiro .
Pujoll III . Regina Helene . Regina Moura . Renata Barros . Renato Shama . Rita Fernanda Claro . Roberta Costa . Rodrigo Munhoz .
Rose Aguiar . Rose Nobre . Sahar Ansari . Salazar de Figueiredo . Sandra Schechtman . Silvana Godoi Câmara .
Simone Trombini . Sissi Kleuser . Sonia Xavier . Teresa Asmar . Teresa Coelho . Teresinha Mazzei . Vania Pena C.
VeraLu . Vicente Duque Estrada . Victor Pereira . Vilma Lima . Yannick Nouailhetas .

ZAGUT

Abertura

16 de Junho às 17:30h (Presencial)
Rua Siqueira Campos 43 /725
Rio de Janeiro - RJ

18 de Junho às 16h
(Online)

ZAGUT



Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

Curadoria: Isabela Simões

Ensaio crítico: Carlos Taveira

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem: Leonor Azevedo, Isabela Simões

Direction Zagut: Isabela Simões and Augusto Herkenhoff

Zagut Text: Isabela Simões

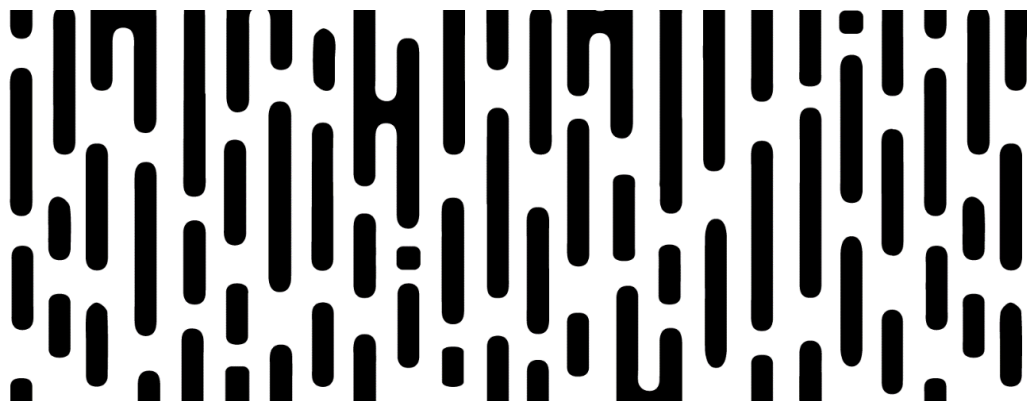
Art Curator: Isabela Simões

Critical essay: Carlos Taveira

Video editing: Vicente Duque Estrada and Mauricio Theo

Cover image: Fernando Brum

Gallery mounting architecture: Leonor Azevedo, Isabela Simões



Ecoartivismo – Isabela Simões

Arte e ativismo andam juntos há séculos. Muitas denúncias em relação a desigualdades vêm sendo feitas através da arte. O termo ativismo foi cunhado em 1997, quando teve uma maior divulgação através de artistas de Los Angeles (Chicanos) e mexicanos (Zapatistas). Posicionamentos contra guerra, contra globalização, em questões sociais, em ambientais. O artista Lyons colocou a importante combinação da coragem da expressão criativa, unindo amor e responsabilidade social na palavra.

Em 2009, foi criado o Centro de Ativismo Artístico, clamando criatividade e cultura na mudança social. Em 2018, foi lançado o livro *Artivism*, de Arcadi e Daniela Poch, ambos coordenadores de espaços de arte, definindo como uma forma de denunciar conflitos, atuar como um megafone do que não está bom, na eterna busca da justiça social. Há ainda, um prêmio para reconhecer ações de ativismo, da Fundação Bertha.

Não faltam exemplos de artistas ativistas no mundo, como o são Banksy, com foco na poluição; Ai Weiwei, com foco na corrupção; as Guerrilla Girls, com foco no machismo.

Em artigo em que se aprofunda no tema, estudiosos de Madri e da Inglaterra frisam que a arte ativista subverte a estética, fazendo com que o processo de envolvimento seja mais importante do que o processo criativo. Consideram que se trata de um fenômeno global que vem aumentando de importância, colocando a necessidade de transformação social na linguagem, possibilitando romper limites, por exemplo de locais mais tradicionais de educação e envolver gerações mais jovens. Citam o pesquisador Kombarov, para quem o ativismo apela para a subjetivação, usando os sistemas de comunicação para evitar a perda de sentidos, tão comum nas grandes metrópoles, os vazios de humanidade.

O ativismo rompe as formas habituais de comunicação, atraindo atenções, tocando as emoções. Os autores dão centenas de exemplos pelo mundo todo, e insistem na tecla que o método educacional que se define é o de educação com comunicação de forma bem íntima, como proposto por Paulo Freire e outros autores, de forma a conseguir uma educação global cívica, em contraste com a educação tradicional centrada na escrita e na teoria, de forma passiva.

Também são citados De-Gonzalo e Pérez-Prieto, que realizam workshops de ativismo com jovens, concluindo entre outras questões que a cultura é necessária à socialização humana, onde o indivíduo pode adotar diversas formas de ver a vida, seja hedonista, seja generosa. O ativismo contribuiria para a ética social, levando à visão menos individualista.

Paulo Raposo (2023) coloca o exemplo impressionante do fechamento da exposição *Queermuseu* em Porto Alegre, após protestos de movimentos de

direita, considerando que obras, que tratam do tema de gênero e diversidade, seriam ideologicamente perigosas. A exposição foi reaberta no Rio de Janeiro após ação de suporte financeiro que ocorreu em poucos dias de forma virtual. E coloca inúmeros outros. Traz o pensamento de Gustrava: “arte pode mudar o destino, rejeitar o destino imposto, fazer um novo”. E o de Roger Sansi, que ao focar no sonho, na utopia, é quando conseguimos estar mais lúcidos, saindo da apatia da vida diária; o poder do sonho, da criatividade, é que possibilita um mundo diferente.

O termo ativismo foi amplamente usado no Brasil, por exemplo por Jaider Eisbell, cidadão originário que realizou inúmeros movimentos com artistas também originários, de forma a chamar atenção para os temas relacionados.

O ecoativismo engloba práticas que se comprometem com a preservação da biosfera, quando as questões ecológicas são discutidas através da arte, com o uso da expressão artística para conectar as pessoas ao meio ambiente.

Muitos são os artistas que usam suas obras para tocar a sociedade e ampliar a consciência sobre diversos problemas ao tocar suas almas, e os que atuam no coletivo Zagut também o fazem. Nos praticamente cinco anos de existência e com mais de 50 exposições, não houve uma que não se tenha abordado o tema da Ecologia, através do tipo de material utilizado, seja realizando interferências na natureza, seja no tema que é abordado na obra.

Desde 2021, a OMS coloca que a mudança climática é o maior desafio de saúde pública do mundo contemporâneo, que a saúde das pessoas é diretamente relacionada à do planeta, como ficou claro durante a pandemia de coronavírus, e a necessidade premente de que haja emissões zero de carbono antes de 2050 para que a ameaça à vida humana no planeta seja minimizada.

Com empatia podemos atuar na alma das pessoas, possibilitando identificar onde se pode e o que se quer mudar, o que Albelda denomina ética ecológica, o autor afirma que só com empatia teremos a capacidade de ver o ciclo em que estamos e querer mudá-lo.

Referências:

Aladro-Vico, E., Jivkova-Semova, D., Bailey, O. Artivism: A new educative language for transformative social action. *Comunicar*, n. 57, v. XXVI, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/consultorio%201/Downloads/10.3916_C57-2018-01-english.pdf

Raposo, P. Art and politics: activism as a world changing language and form of action. São Paulo, v. 8, e-201694, 2023. Disponível em: <file:///C:/Users/consultorio%201/Downloads/202989-Texto%20do%20artigo-619609-1-10-20230420.pdf>

WHO. The health argument for climate action. 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240036727>

Webgrafia:

[https://en.wikipedia.org/wiki/Artivism#:~:text=The%20artist%20\(artist%20%2B%20activist\),the%20body%2C%20and%20the%20imagination.](https://en.wikipedia.org/wiki/Artivism#:~:text=The%20artist%20(artist%20%2B%20activist),the%20body%2C%20and%20the%20imagination.)

<https://www.amazon.com.br/Artivism-Arcadi-Poch/dp/1908211628>

<https://womenmindthewater.com/news/artivism-what-is-artivism-why-is-it-important>

<https://berthafoundation.org/story/artivism-awards/>

<https://traveltomorrow.com/artivism-how-artists-make-a-difference/>

<https://environbuzz.com/artivism-and-the-environment-the-significance-of-art-in-the-climate-crisis/>

https://www.academia.edu/2408978/Ecoartivismo_pr%C3%A1cticas_art%C3%ADsticas_implicadas_con_la_preservaci%C3%B3n_de_la_biosfera

Trate bem a terra.
Ela não lhe foi doada pelos seus pais.
Ela foi-lhe emprestada pelos seus filhos.
Provérbio antigo do Quênia

Todo dia, é dia do Meio ambiente – Carlos Taveira

Em maio de 2023 o Brasil foi ganhador do prêmio de melhor pavilhão na Bienal de Arquitetura de Veneza pela primeira vez na história. Sob curadoria conjunta de Gabriela de Matos e Paulo Tavares e intitulada *Terra* a exposição é dividida em duas salas e debate a memória dos povos provenientes da diáspora africana e a construção da cidade capital de Brasília, que ainda mantém o discurso que foi edificada em um local vazio para levar o desenvolvimento em direção ao interior do país. A mostra permite observar outra perspectiva do que conhecemos como Brasil, e possui a potência de preencher lacunas históricas sobre a cultura dos povos africanos e indígenas que compõem nosso espectro cultural e que ainda são marginalizados.

A partir desse contexto podemos dizer que surge uma nova possibilidade de pensarmos o chamado “decolonial” que tem atravessado trabalhos, exposições e assuntos culturais nas últimas décadas. Se sintetizarmos e agruparmos a questão, seria possível resumir o movimento como um desejo de apresentar uma contranarrativa ao discurso da cultura colonizadora que marca até os dias atuais a mentalidade de variados locais no mundo, entre os quais, o Brasil está inserido.

Neste ponto, não é a primeira vez na história da arte brasileira que um movimento cultural procura estabelecer novas bases da identidade nacional, porém, é possível afirmar que a dimensão atual converge em uma direção unívoca com ideias divergentes e também simultâneas em outros países que passaram por experiências ancestrais semelhantes no seu passado.

Ao lado disso, existem questões e emergências contemporâneas como a crise ambiental climática que estabelece conexões com a discussão criada pelo decolonial, pois parte da maneira como se lida com a natureza é reflexo de séculos de exploração das terras e dos corpos dos habitantes escravizados. Trata-se de um sistema sofisticado que deixou heranças cruéis e silenciou parcelas importantes da sociedade brasileira.

Segundo o filósofo ambiental Malcolm Ferdinand, em seu livro *Por uma ecologia decolonial: Pensar a partir do mundo caribenho*, existiu um modelo de “como habitar” o espaço que foi introduzido no processo colonial e que ainda perdura no mundo contemporâneo. Para habitar seria necessário preencher critérios criados pelo colonizador, e que quando não contemplados haveria uma permissão para a destituição do outro, o que nas palavras do autor pode ser designado como um altericídio.

Ao apagar o outro, toda uma série de povos perde seu protagonismo, e são posicionados “fora da história”. Isso mimetiza no universo das artes, quando observamos que só recentemente ocorreu a valorização de determinadas produções artísticas, produzidas por povos indígenas ou de descendência da diáspora africana.

É o momento de criar novas formas de pensar o mundo ou mesmo de reinventá-lo. Não se trata meramente de uma opção, mas de uma necessidade irremediável perante o desastre climático atual. Dito isto, o campo das artes pode contribuir com novas possibilidades de existência. Pensar o impensável e ampliar os limites do imaginário sobre essa problemática de extrema importância que atinge todos os habitantes do planeta é o objetivo dos artistas presentes nesta mostra.

A meta da exposição *artista* da Galeria Zagut é criar fissuras na realidade e gerar novas ideias. A arte sempre foi um instrumento de transformação do mundo e sua potência atinge os corpos por caminhos singulares e misteriosos. É preciso que inventemos novas subjetividades e relações com o que nomeamos de natureza.

Bibliografia:

FERDINAND, Malcom. *Por uma ecologia decolonial. Pensar a partir do mundo caribenho*. Rio de Janeiro. Editora UBU, 2023

DIDI-HUBERMAN George, *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Adriana Montenegro



Eco; fotografia, impressão fine art; tiragem 5; 40 x 26,67 cm; 1992

Adriane Schreiner



Doce Ilusão (O corpo está vivo); arte digital, impressão fine art; tiragem única;
80 x 50 cm; 2023

Alejandra Phelts



A mulher dos pássaros; acrílica s/ tela; 150 x 100 cm; 2013

Ana Luiza Mello



Chucolinos; técnica mista; dimensões variadas; 2023

Ana Morche



Perfeito Equilíbrio; pastel oleoso s/ papel Hahnemühle 190gr; 30 x 40 cm; 2021

Ana Schieck



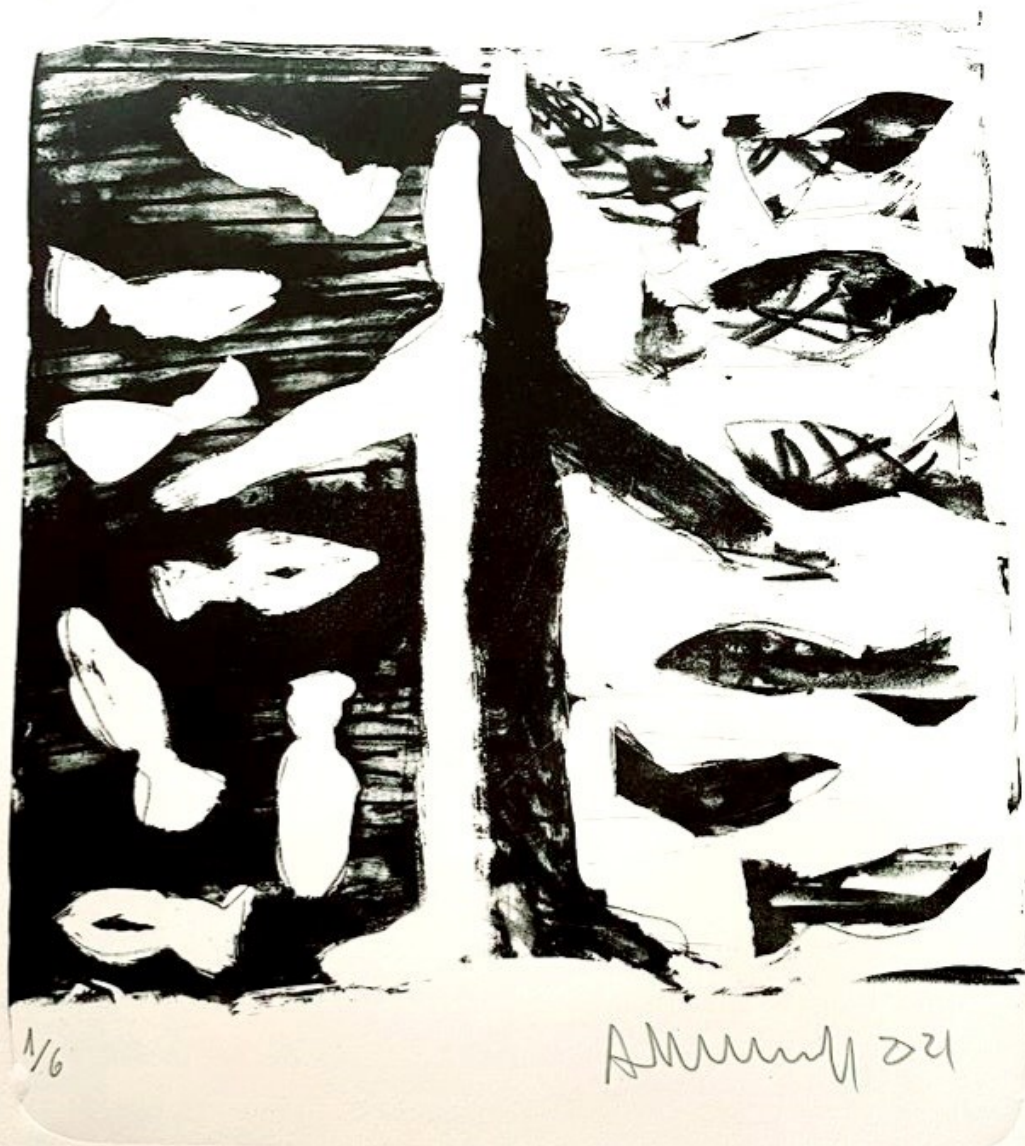
Linha Inorgânica; técnica mista; 48 x 31 cm; 2001

Andres Papa



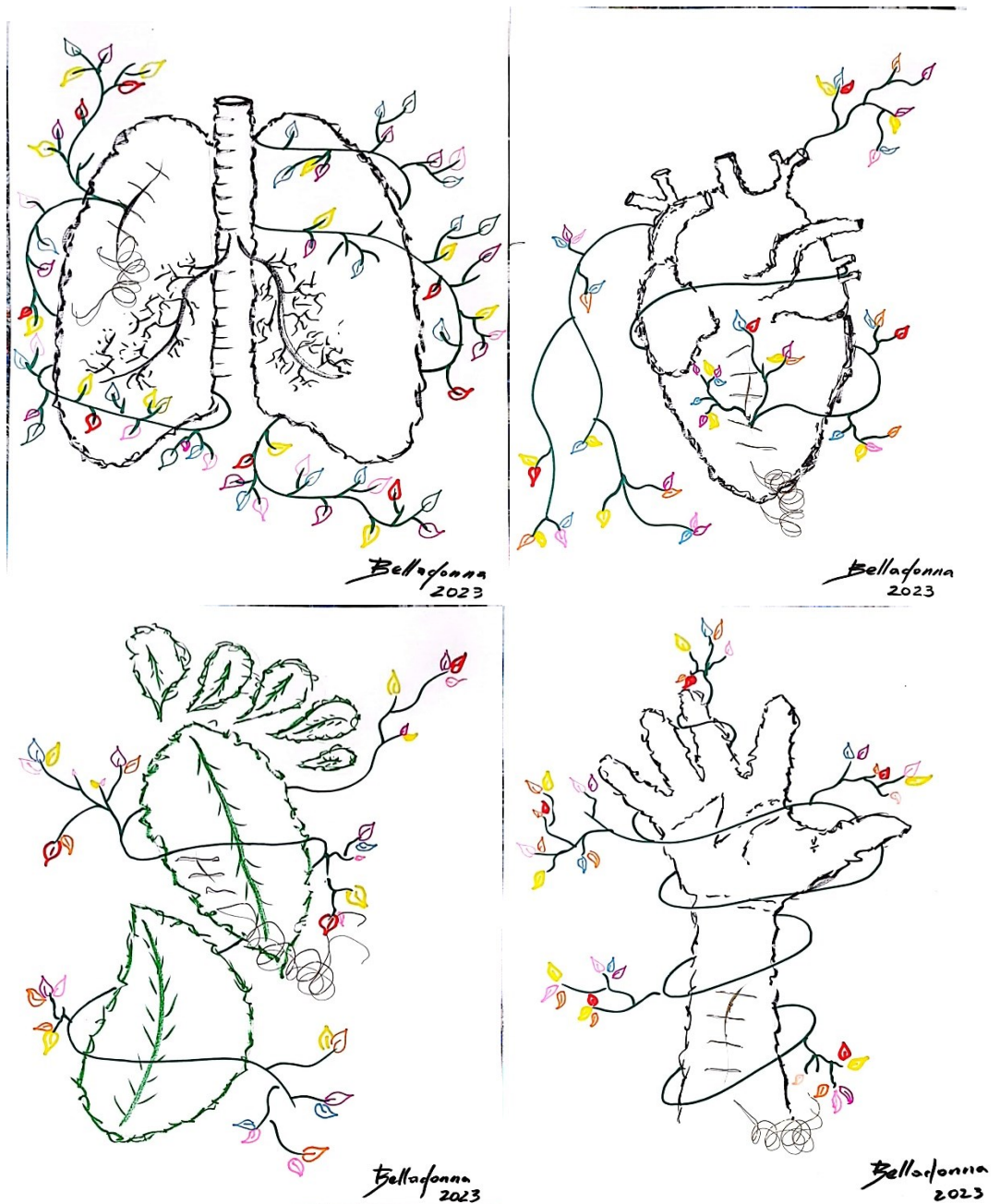
O planeta que nos observa (Terra fatiada), acrílica e posca s/ tela, 40 x 60 cm, 2023

Augusto Herkenhoff



Peixe-folha; litografia s/ papel Montval; tiragem 6; 65 x 50 cm; 2021

Belladonna



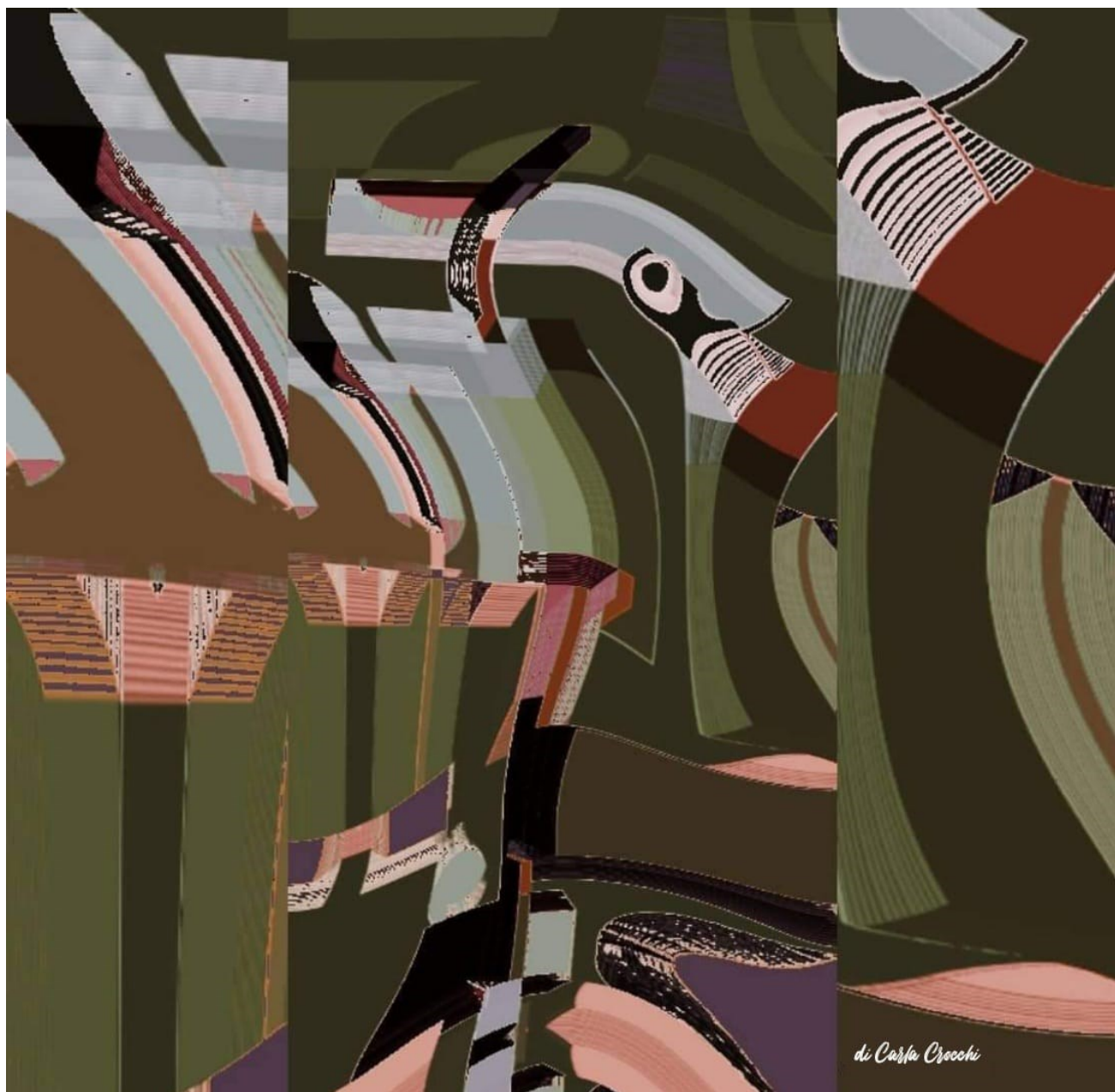
Simbiose II (políptico 4 peças); desenhos em caneta aquarelável s/ papel de média gramatura; fios de cobre; 42 x 29,7 cm; 2023

Betty Zajdenweg



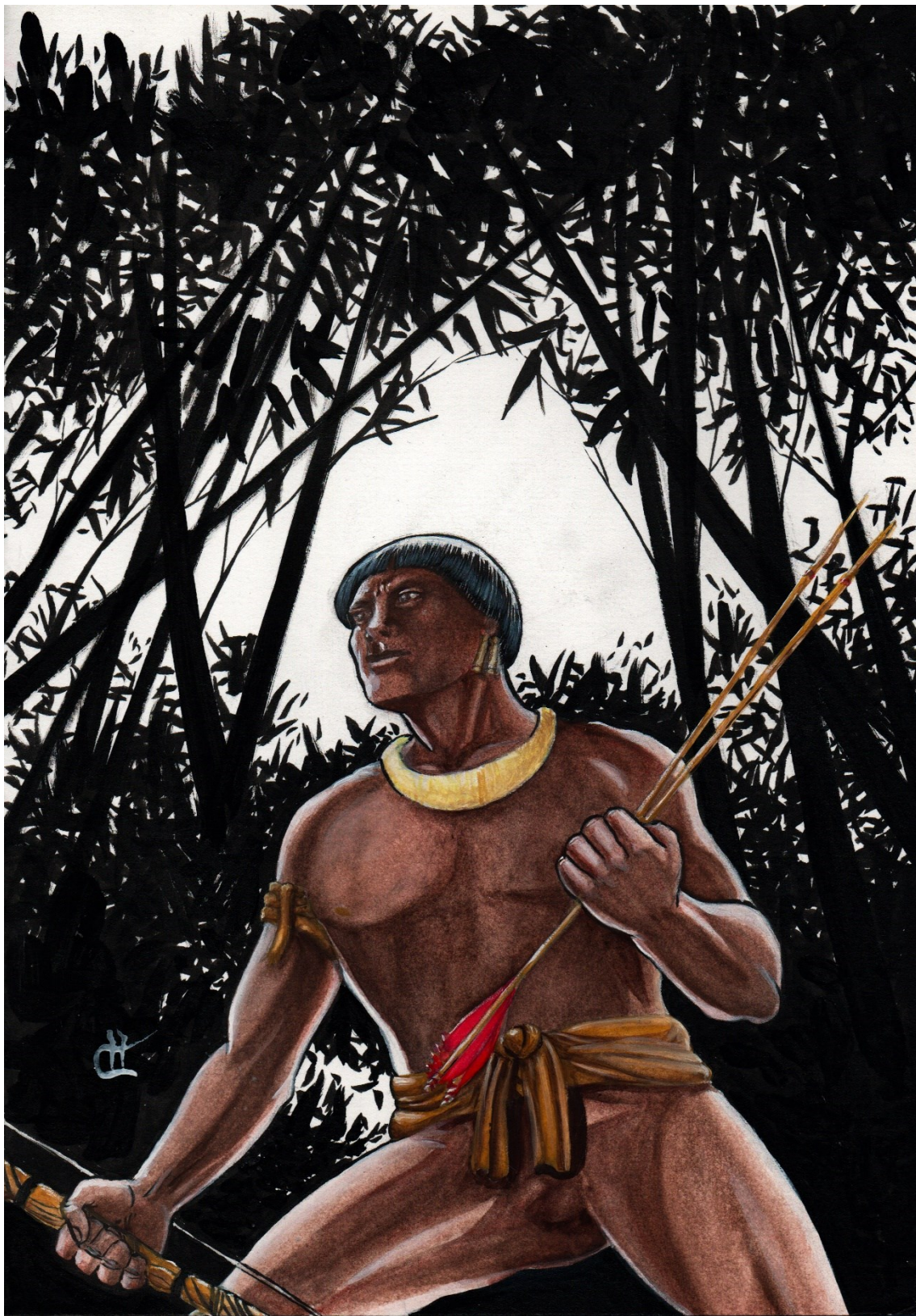
Declinações em vermelho; técnica mista; 21 x 29,7 cm

Carla Crocchi



Ecoarte; arte digital, impressão fine art; tiragem única; 85 x 85 cm; 2023

Carlos Hollanda



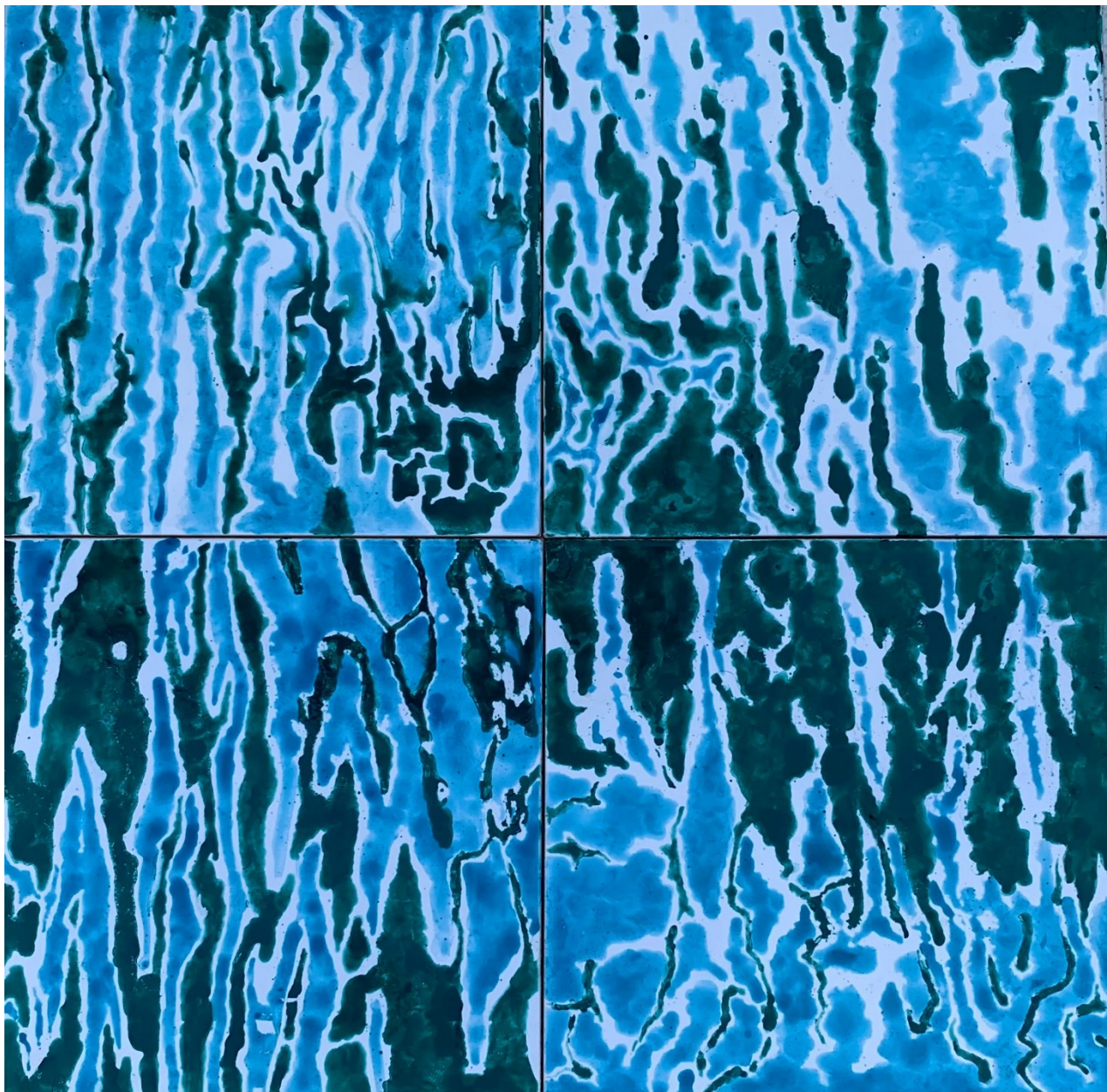
O Caçador; técnica mista: guache e nanquim s/ Canson 300g.; 21 x 29 cm;
2023

Celina Noli



Sobrevivência; acrílica s/ canvas; 100 x 100 cm; 2023

Celso Adolfo



Água; esmaltação cerâmica; 42 x 42 cm; 2023

Cerise E.



Temporologia; aquarela s/ papel Hahnemuhle Harmony; 17 x 24 cm; 2022

Chica Granchi



A Origem; acrílica s/ tela; 25 x 25 cm; 2023

Christiano Whitaker



Baleia; acrílica s/ tela; 95 x 55 cm (imagem 89,5 x 49 cm); 2023 e Ciclo; acrílica s/ tela, 70 x 50 cm; 2022

Claudia Carneiro



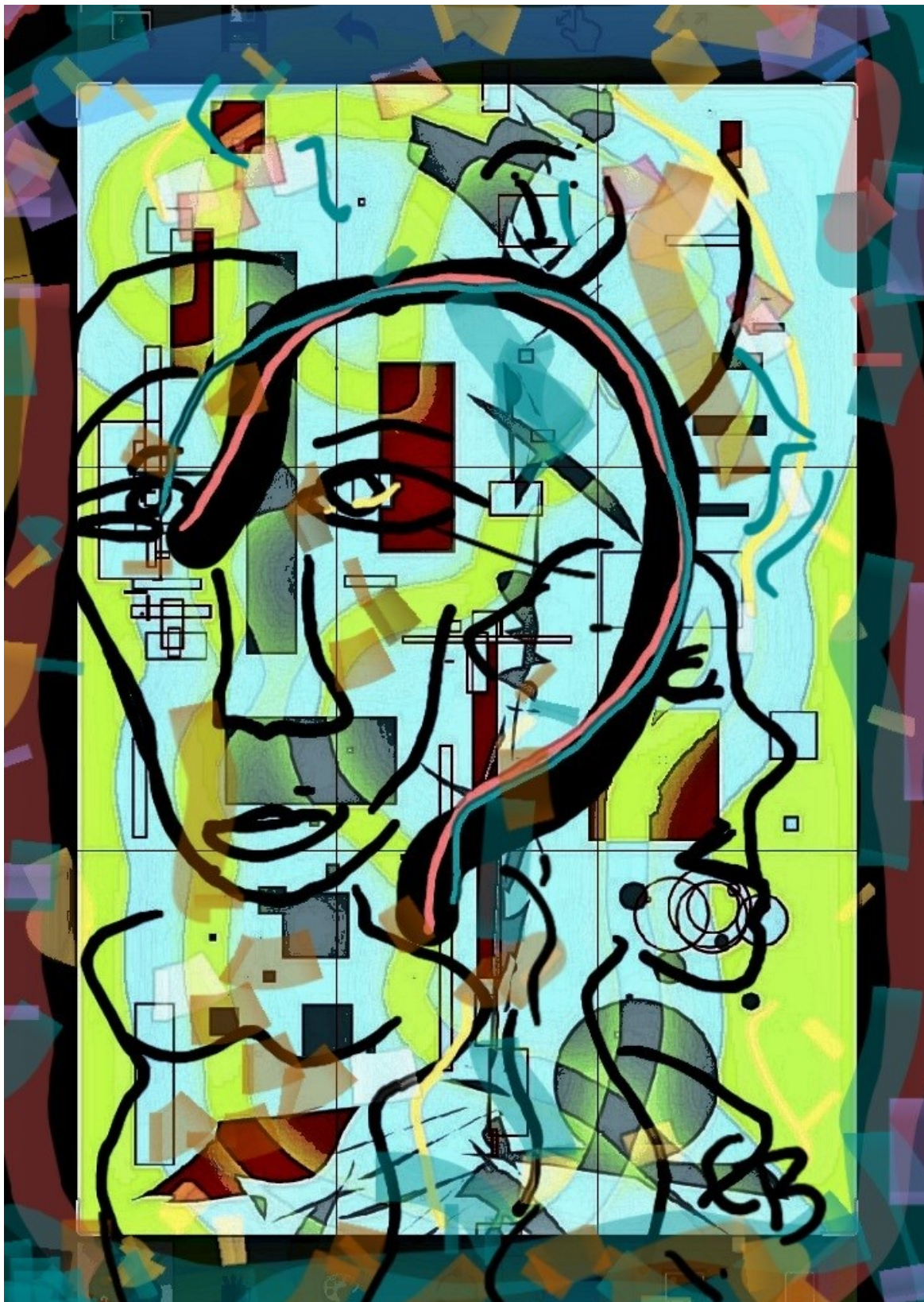
Manguezal; acrílica e pastel oleoso s/ papel; 30 x 42 cm; 2023

Claudia Tolentino



Sustentável 55; gravura em metal: ponta seca sobre embalagem descartada, recoberta com alumínio e aquarela; papel 16,5 x 24 cm, gravado 6 x 17,5 cm; PF 1/2; 2022

Cunca Bocayuva



Quem defende a floresta?; desenho digital s/ PVC; 80 x 50 cm; 2022

Deneir



Sem título; madeira industrial laqueada, alumínio reciclado e alfinetes; 25 x 40 x 80 cm; 2023

Dirce Fett



Aporia de margaridas; acrílica s/ tela; 143 x 183 cm; 2016

Dora Portugal



Marte, planeta Terra; fotografias de Marte em papel, inseridas em caixa de acrílico; 22,5 x 17 x 3 cm; 2022

Eduarda Serra Barreto



Lobo Guará extinção; aquarela s/ papel Canson; 44 x 32 cm; 2023

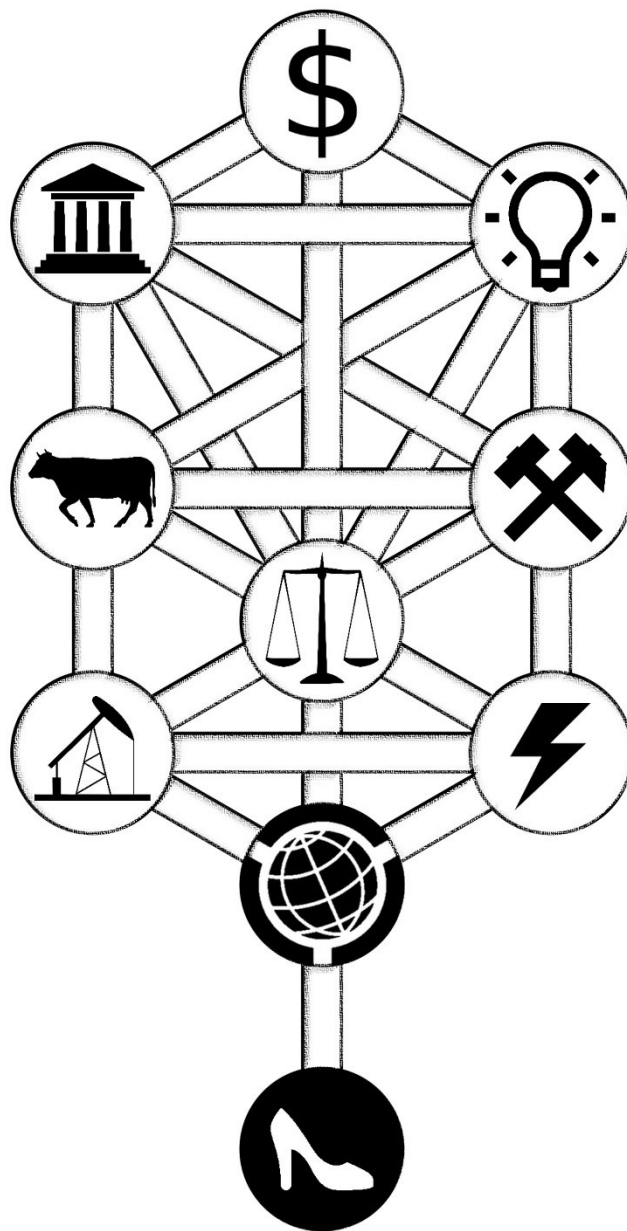
O estúdio Barreto fica no lago Paranoá no bioma do cerrado brasileiro que possui uma rica variedade de espécies animais e vegetais que estão ameaçadas de extinção: buritis, jacarandás, pequis, sucupira, cedro, peroba, Gonçalo Alves, lobo Guará, tucanos, ema, carcará, macaco prego, macaco bugio, saguis, sussuarana, tamanduá bandeira, arara e capivara.

Gloria Conforto



Geraes; óleo s/ tela; 40 x 60 cm; 2023

Gringo Carioca



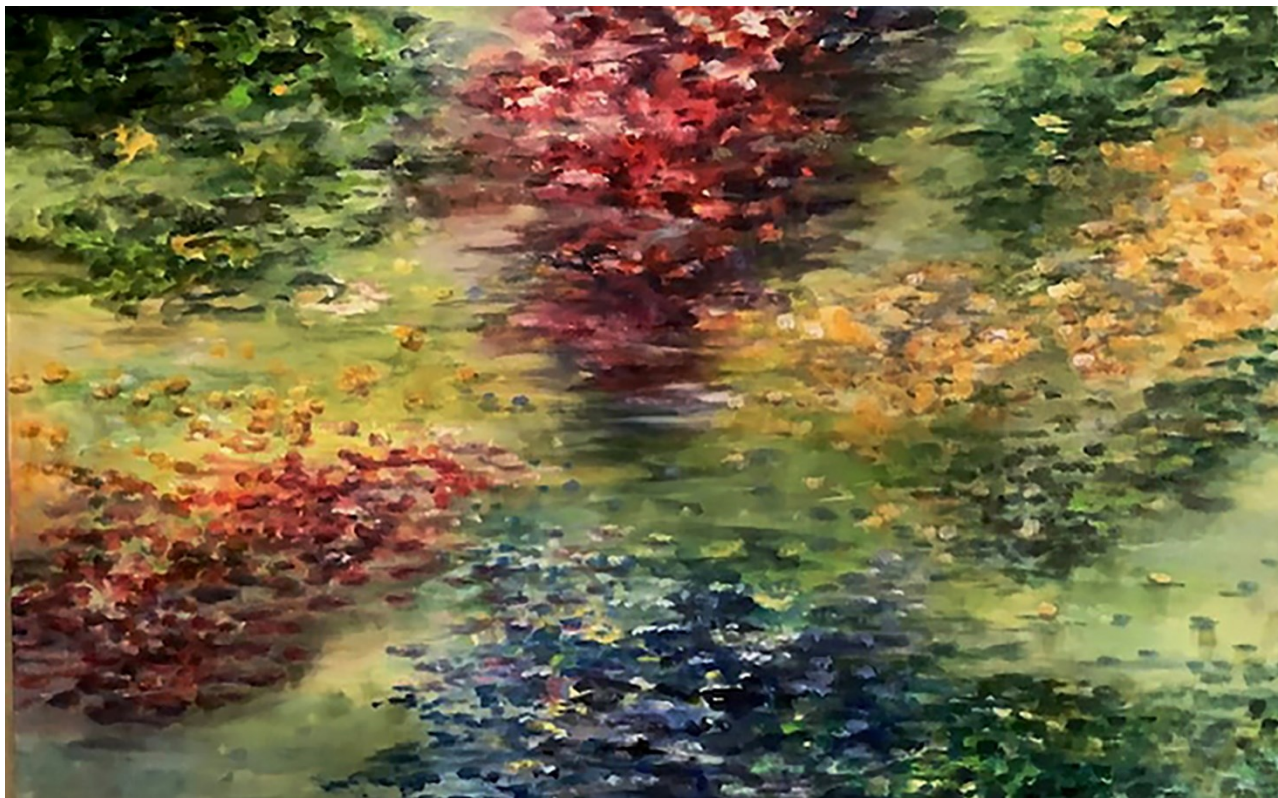
As Qliphoth - A árvore da morte; arte digital, impressão fine art; 29 x 42 cm;
tiragem 10; 2023

Heloisa Alvim



Poema 2000; escultura em cerâmica; 39 x 20 x 15 cm; 2018

Hortensia Pecegueiro



Mergulho; acrílica s/ lona; 100 x 65 cm; 2023

Ilda Fuchshuber Falacio



Êxodo, a natureza em fuga; acrílica s/ tela; 50 x 60 cm; 2022

Iraceia Oliveira



Extinção; acrílica s/ emborrachado EVA; 48 x 67 cm; 2023

Isabella Marinho



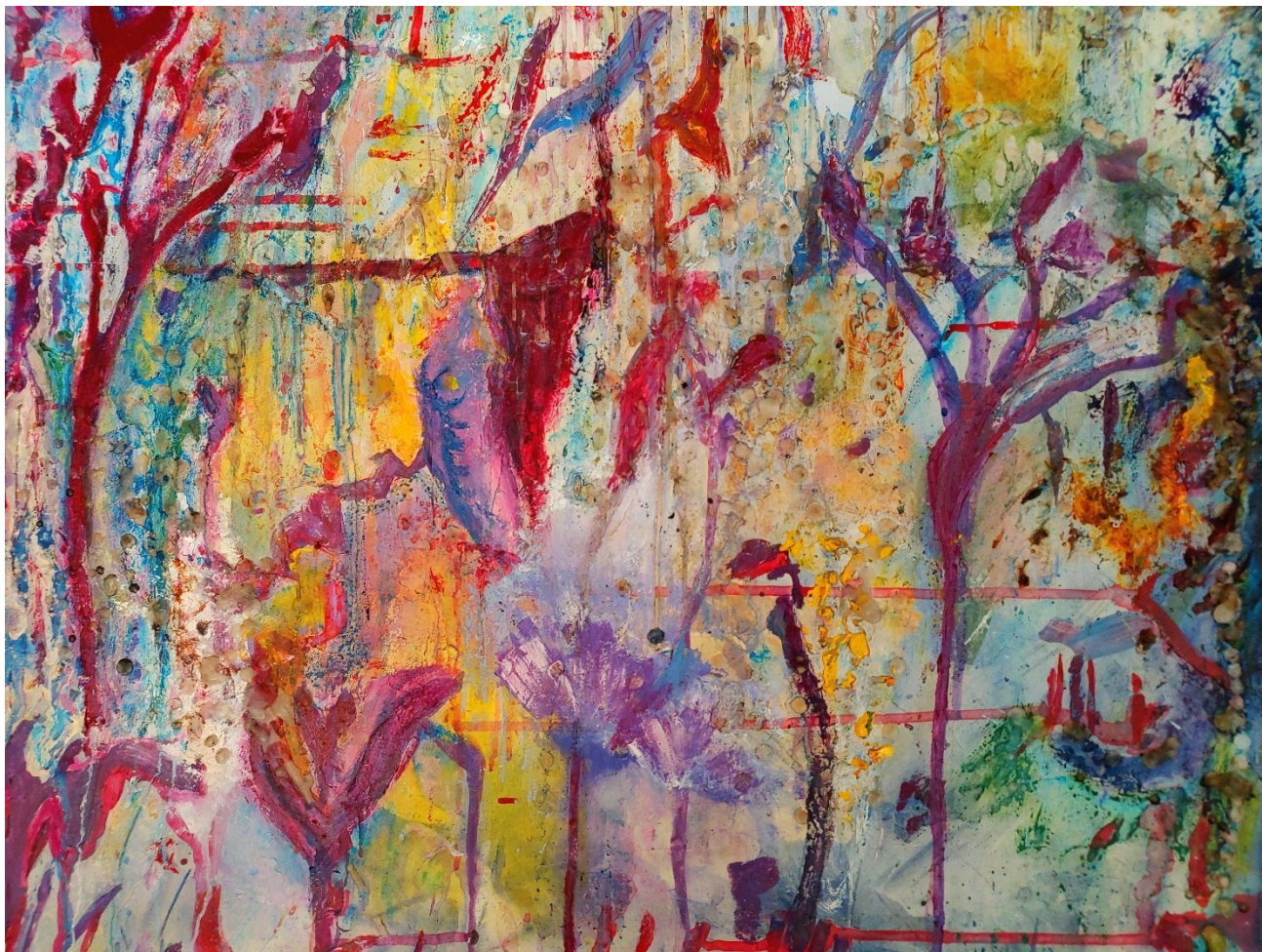
Sem título; técnica mista; 35 x 45 cm; 2021

Isis Braga



Liberdade; técnica mista, gravura em metal e lápis de cor; 30 x 42 cm; s/ data

Istefania Rubino



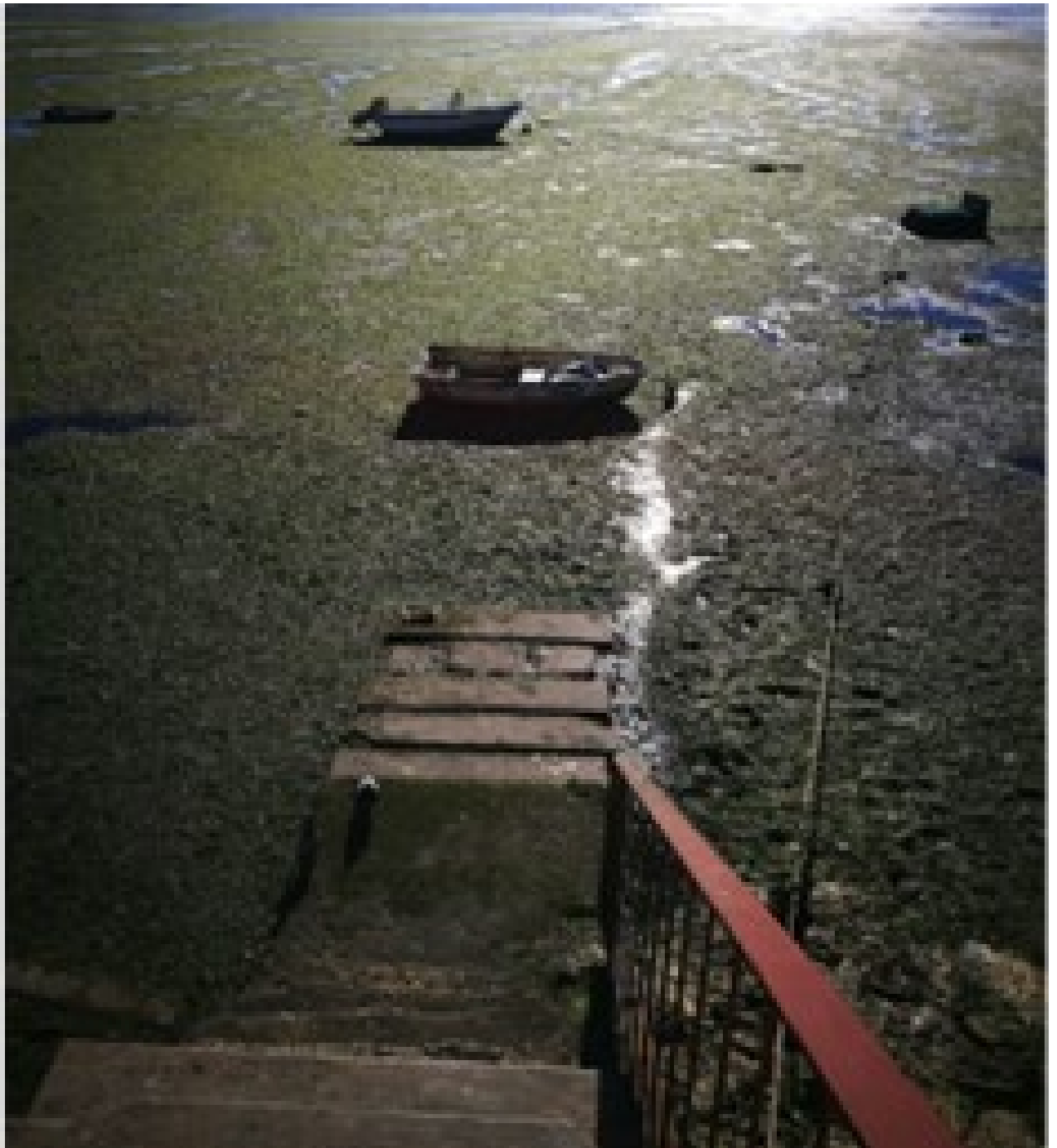
Jardim de encantos; acrílica s/ tela; 56,5 x 46,5 cm; 2013

Jorge Cerqueira



Sombra de outono; acrílica s/ tela; 150 x 125 cm; 2021

Lando Faria



Sem título; fotografia digital, impressão fine art; 84 x 76; 2021

Lenn Cavalcanti



Sem título; acrílica s/ tela; 40 x 40 cm; 2023

Let Cotrim



Procelária nº 4; fotografia digital, impressão fine art em papel Hahnemühle Photorag Satin 310g (acabamento acetinado); tiragem 20 + 2 PA; 66 x 44 cm; 2022

Lia do Rio



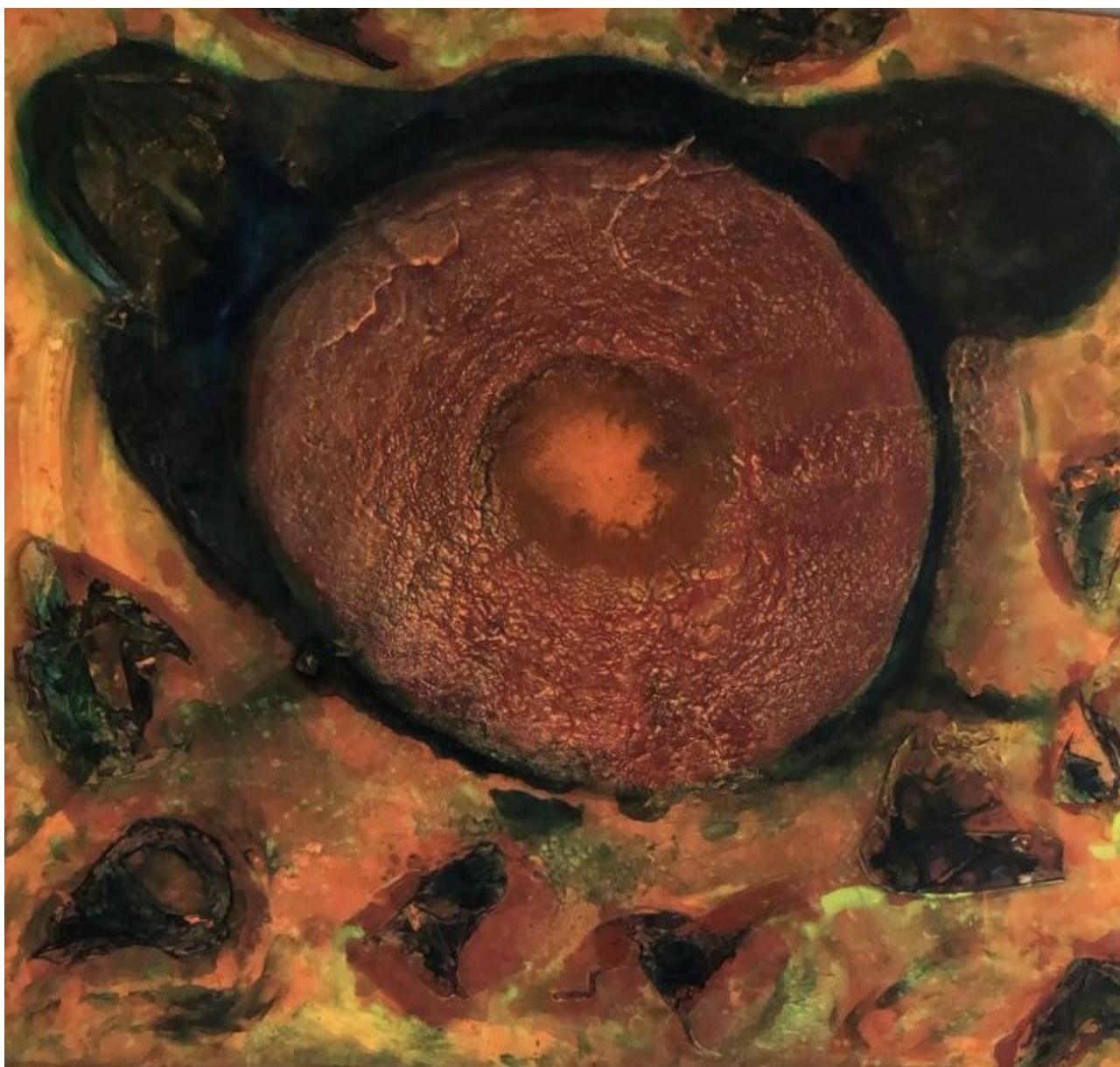
O planeta reinventado; intervenção feita com objetos descartados pelo público, convocado pela artista a recolhê-los para formar uma grande espiral, na esperança de conscientização, Aterro do Flamengo, RJ, impressão fotográfica fine art; 50 x 70 cm; peça única; 1990

Liana Gonzalez



Gugu; escultura em papel machê com papel de descarte; 87 x 50 x 9 cm e pedestal em concreto com 13 x 15 cm; 2019

Luah Jassi



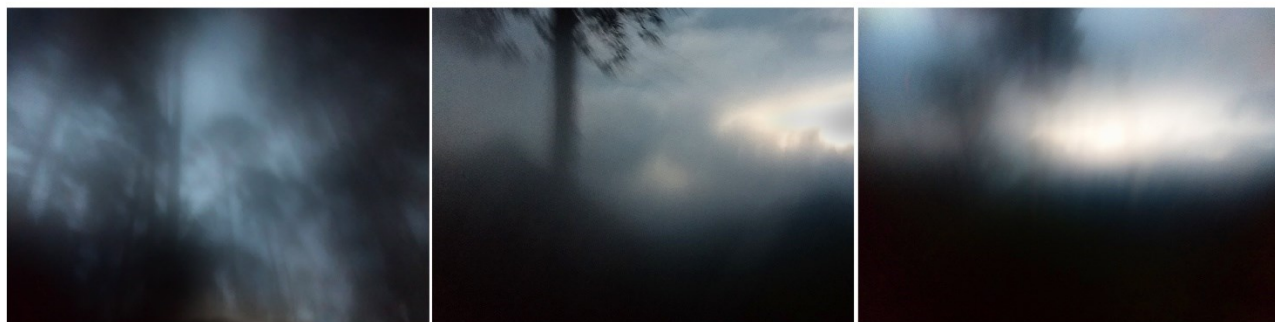
Árvore centenária; carvão e acrílica; 60 x 60 cm; 2021

Lucia Lyra



Sem título; técnica mista, tecido, acrílica, galhos, barbante; 65 x 38 x 3 cm;
2022

Luciane Villanova



Paisagem; fotografia, impressão fine art; 20 x 81 cm; tiragem 5; 2020

Lucio Volpini



Se os insetos morrem, nós também; acrílica, esmalte, aquarela s/ tela; 76 x 41 cm; 2022

Marcelo Veiga



Tirollesa, não!; arte digital, impressão fine art; 40 x 60 cm; tiragem 6; 2023

Marcia C. Cavalcanti



Nascimento do mundo; óleo s/ tela; 33 x 46 cm; 2022

Maria Cecilia Leão



A Transformação; gravura (isogravura) com têmpera guache em papel Canson
300 g/m²; 20 x 30 cm; 2023

Maria Verônica Martins



Alma brasileira; aquarela; 52 x 36 cm; 2018

MarQo Rocha



Proibido jogar lixo neste local; fotografia digital; tiragem 5; 65 x 100 cm; 2016

Marta Bonimond



Physis; técnica mista; 65 x 55 cm; 2022

Marta Strambi



Resiste; ferro e porcelana a 1320°; 7 x 34 x 39 cm; 2019/20

Mary Di Iorio



Enquanto cerâmica em processo; cerâmica, animação e música; 36 × 36 cm;
2020

Maurício Theo



Série 3 "Meta Verso"; fotografia digital, impressão fine art; tiragem 3; 60 x 40 cm; 2020

Mauricius Farina



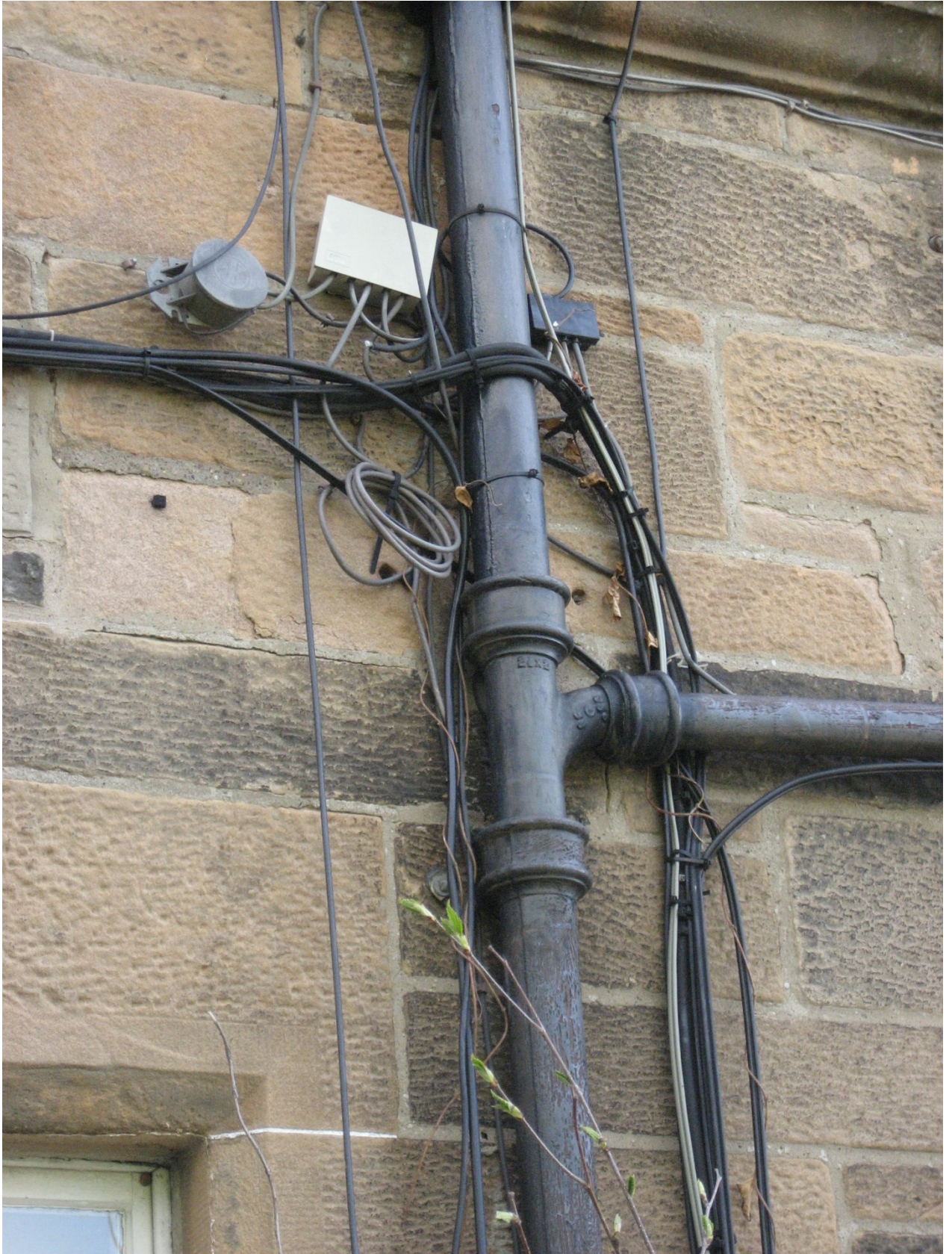
Sem título; fotografia, impressão fine art; 50 x 70 cm; 2023

Miguel Hijjar



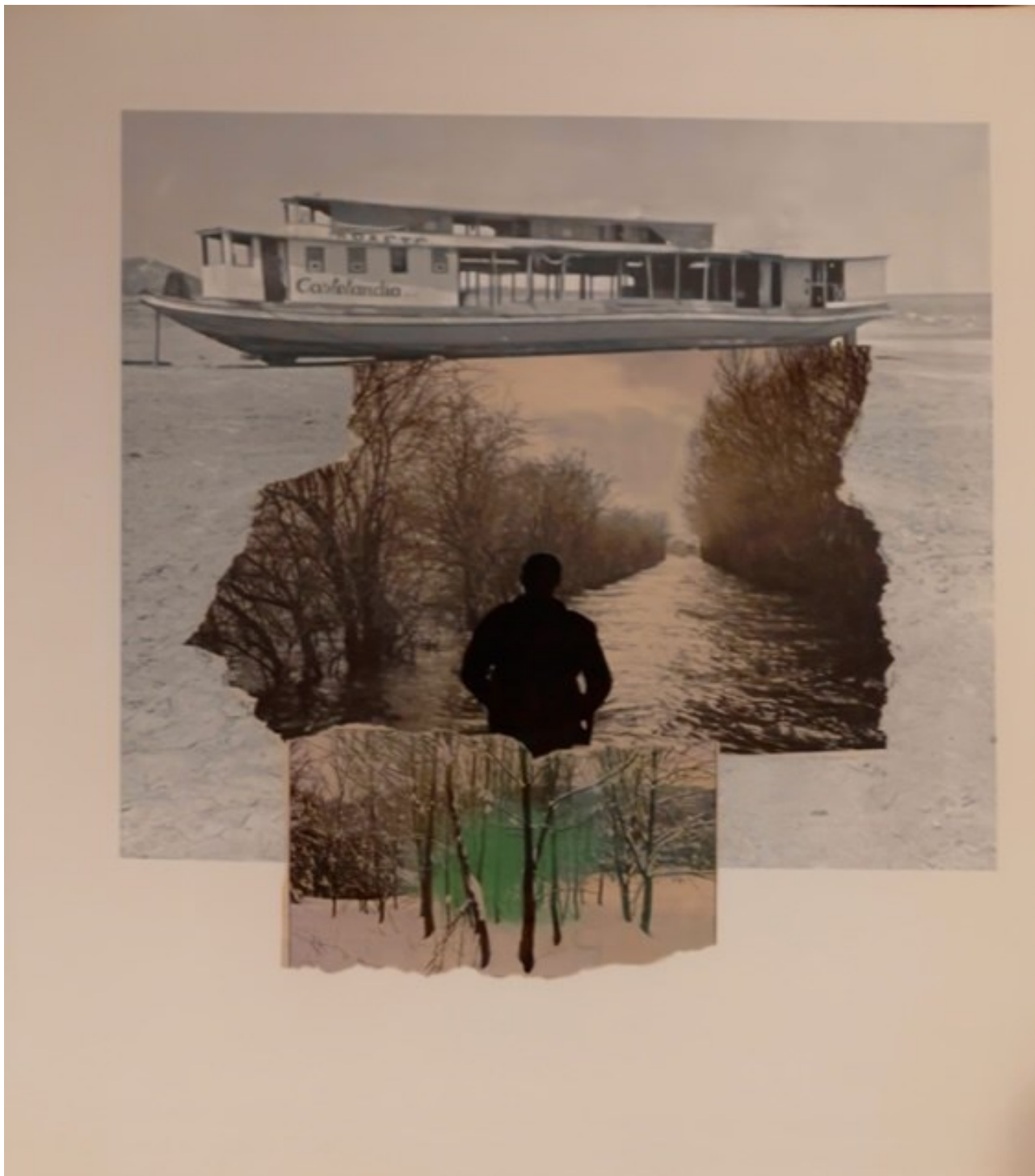
To Freedom; fotografia digital impressão fine art em papel algodão com tinta ecológica inkjet de pigmento mineral em base de água; tiragem 10; 60 x 50 cm; 2021

Miro PS



Adaptação; fotografia impressão fine art; tiragem única; 130 x 90 cm; 2016

Nadia Aguilera



Série o mar secou; colagem s/ fotografia; 40 x 30 cm; 2019

Noemi Ribeiro



Koi-Peixes; arte digital, impressão fine art em papel Canson Algodão; tiragem 6; 60 x 60 cm; 2018

Pujollll



Sem título; acrílica s/ tela; 40 x 60 cm; 2022

Regina Helene



Mãe Natureza; tecido, pintura, barbante, arame, enchimento; 23 x 42 cm x 18 cm; 2022
Livrai-nos do Mal/ Daqueles que não se sabem também Natureza

Regina Moura



Gaia 2; monotipia s/papel; diâmetro 30 cm; 2023

Renata Barros



Ecolhar; fotografia, arte digital, impressão fine art em papel algodão; tiragem 6;
30 x 70 cm; 2015

Renato Shamá



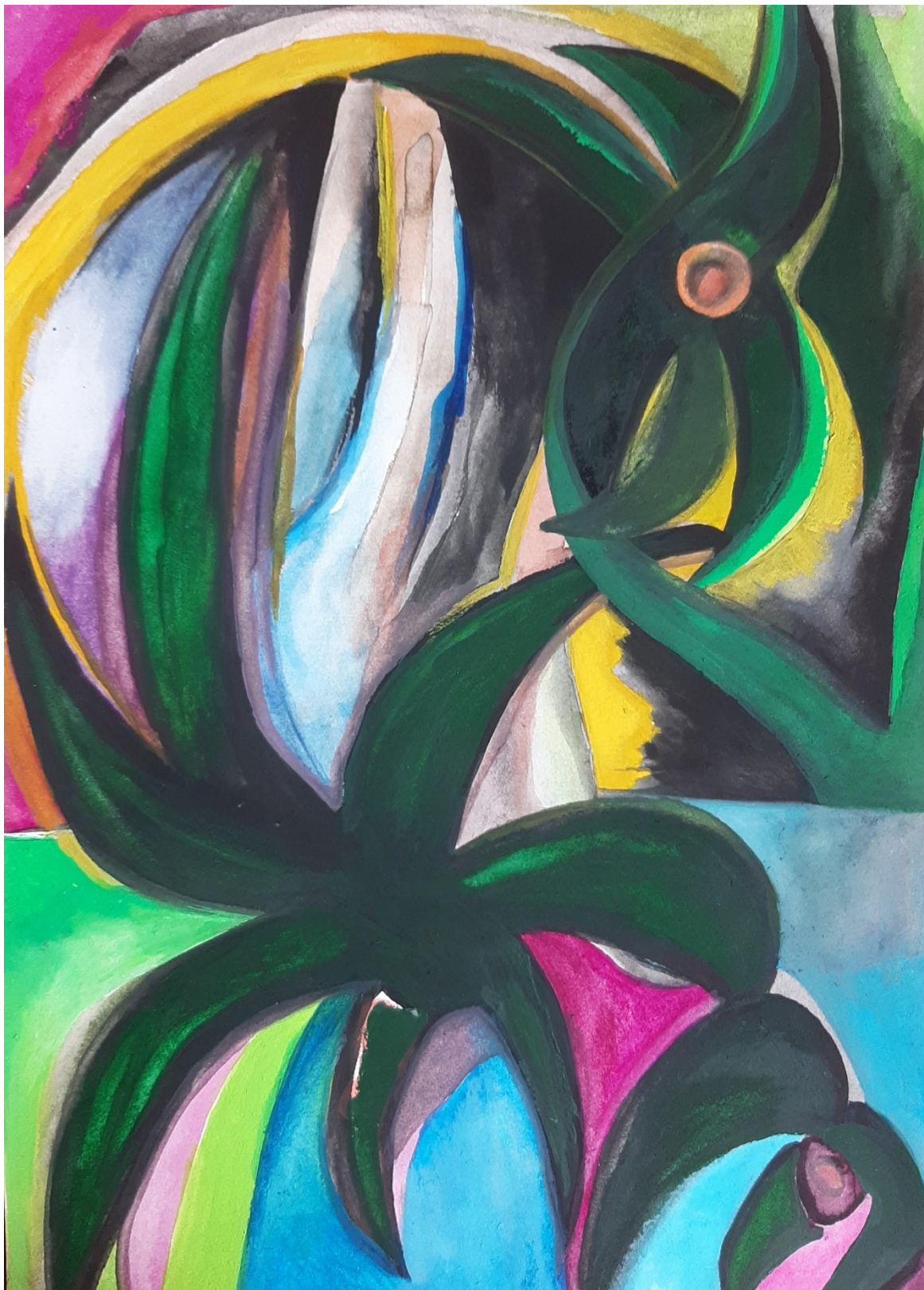
Paisagem três vezes; óleo s/ madeira; 47 x 60 x 3 cm; 2013

Rita Fernanda Claro



Uma Rosa; acrílica, colagem e linha s/ tela; 40 x 50 cm; 2023

Roberta Costa



Tropicaliente; aquarela; 21 x 29,7 cm; 2022

Rodrigo Munhoz



Híbridos sob neblina; acrílica s/ tela; 100 x 80 cm; 2023

Rose Aguiar



Water Graffite; fotografia impressão fine art; tiragem 5; 50 x 50 cm; 2020

Rose Nobre



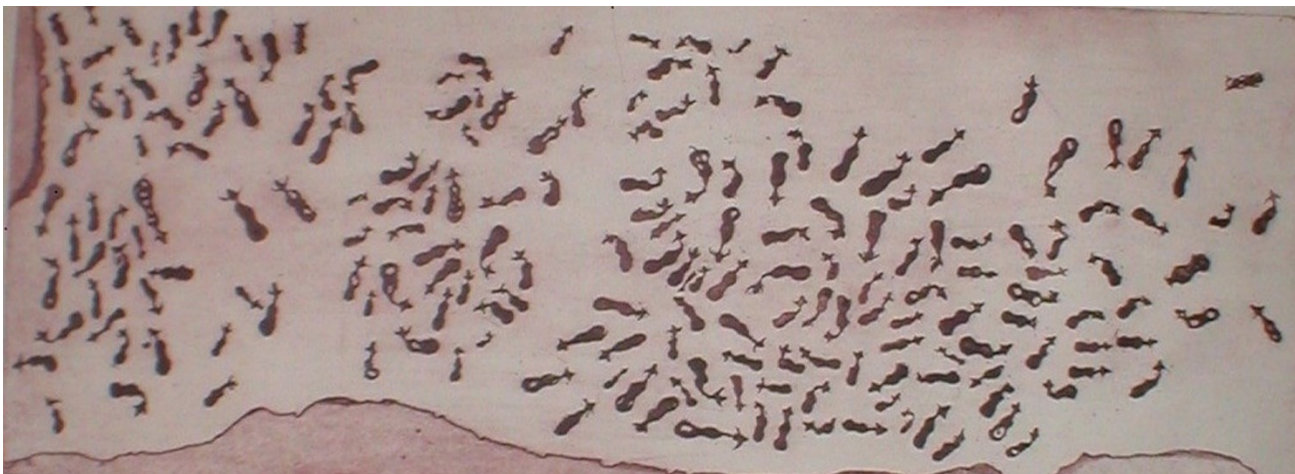
A insustentável leveza; acrílica s/ tela; 65 x 65 cm; 2021

Sahar Ansari



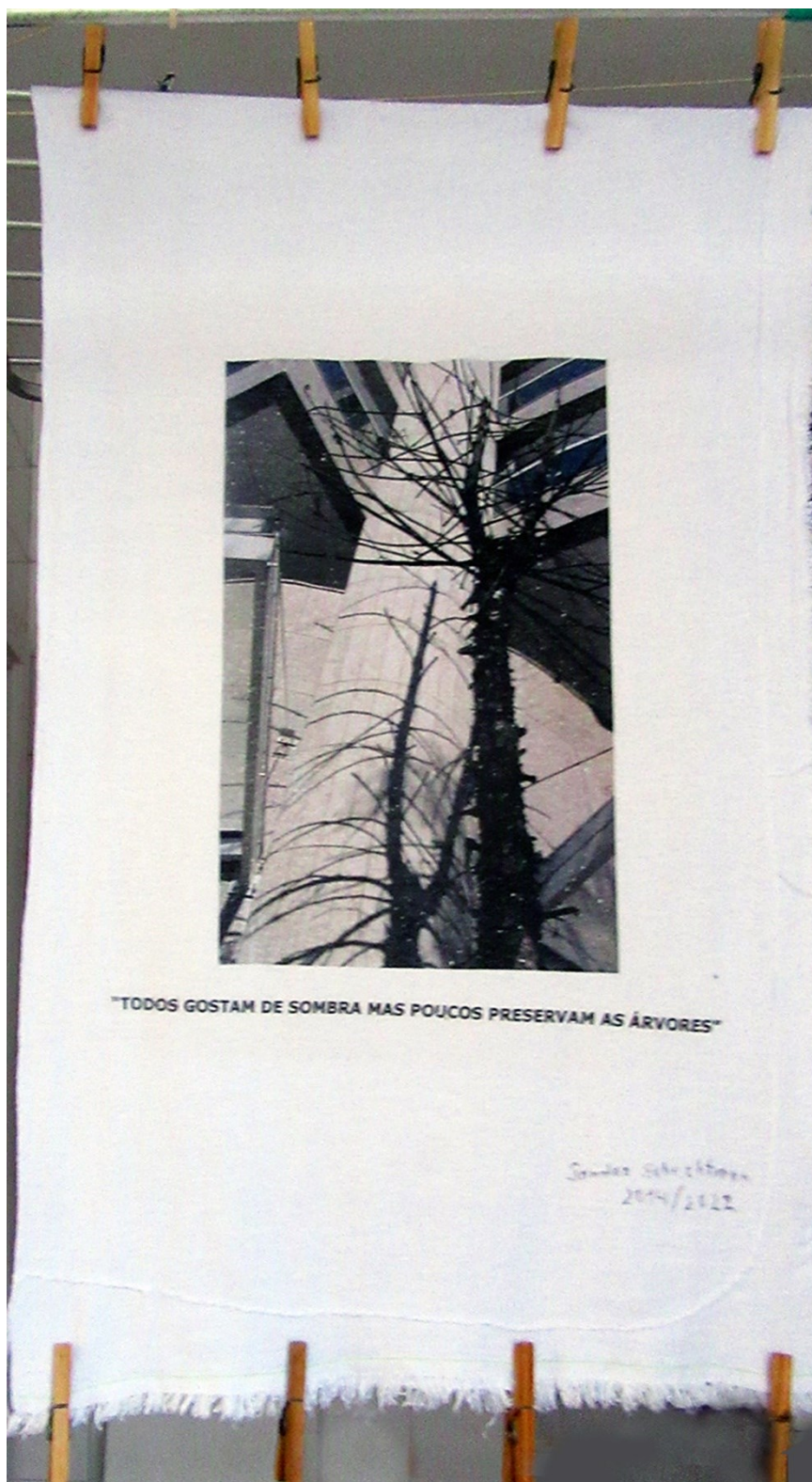
Ophelia do Pantanal; arte digital a partir de desenho em nanquim

Salazar Figueiredo



Pantanal; gravura em metal, água tinta, água forte; 60 x 22,5 cm; PE. I; 2002

Sandra Schechtman



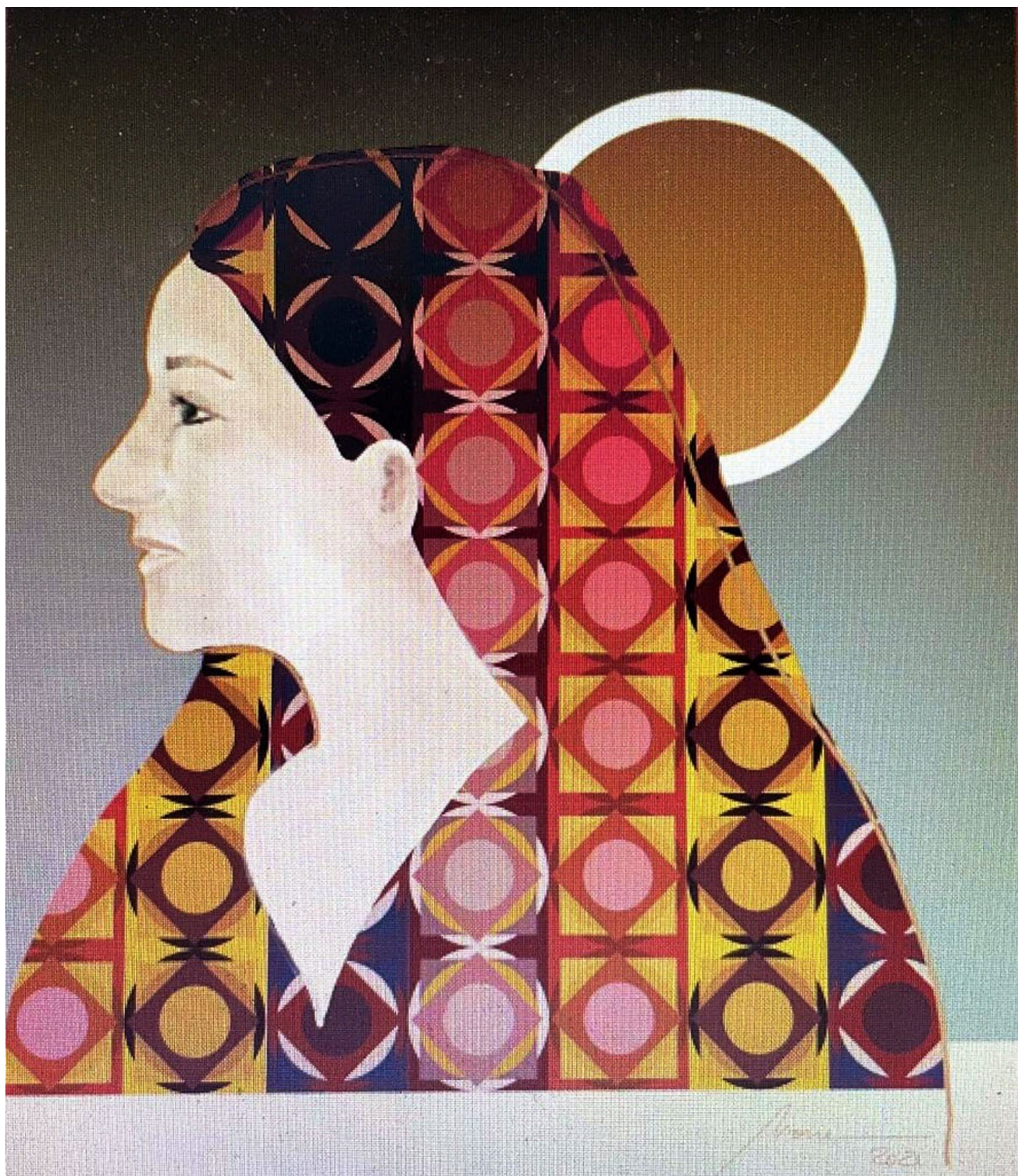
Todos gostam de sombra, mas poucos preservam as árvores; fotografia impressa em saco de algodão reciclado suspenso por seis pregadores de madeira; tiragem única; 50 x 90 cm; 2022

Silvana Godoi Camara



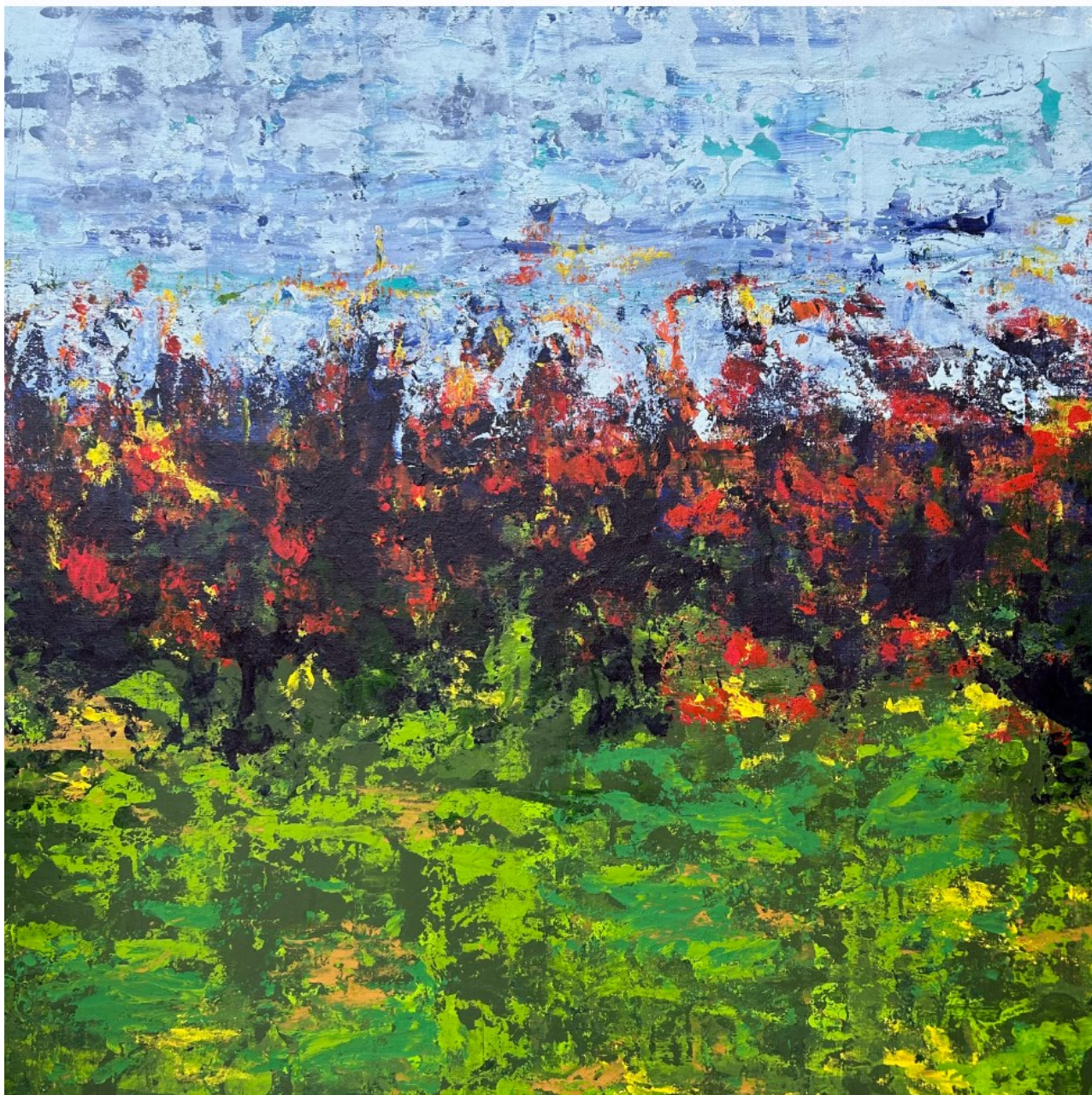
Aurora; óleo s/ tela; 50 x 50 cm; 2023

Simone Trombini



Clara; técnica mista digital, impressão fine art; 80 x 50 cm; 2011

Sissi Kleuser



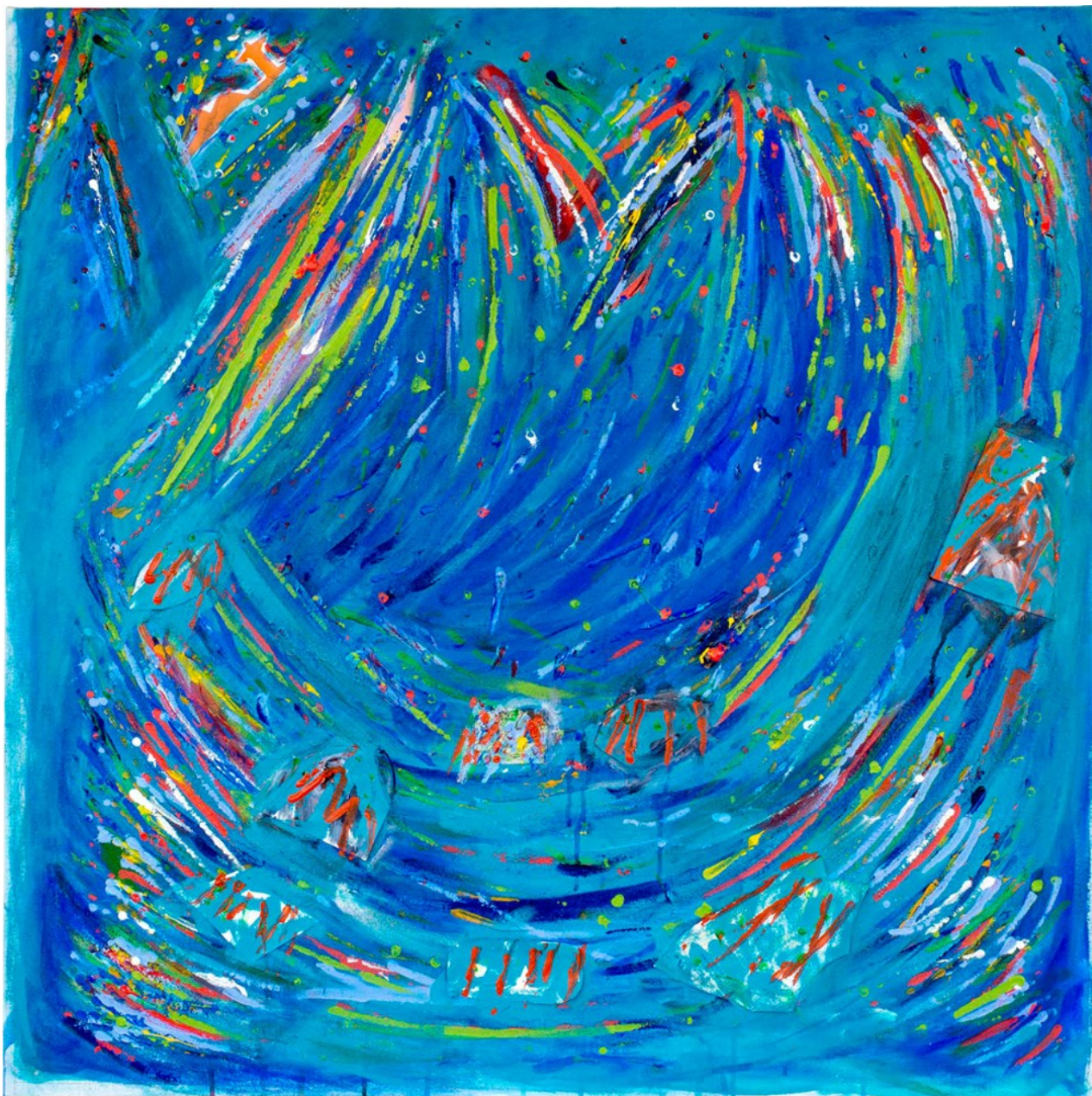
Ecos da destruição II; acrílica s/ tela; 77 x 77 cm; 2023

Sonia Xavier



Amazonas infinita I; técnica mista s/ alumínio; 100 x 40 cm; 2021

Teresa Asmar



Fantasia; acrílica e colagem s/ tela; 94 x 92 cm; 2017

Teresa Coelho



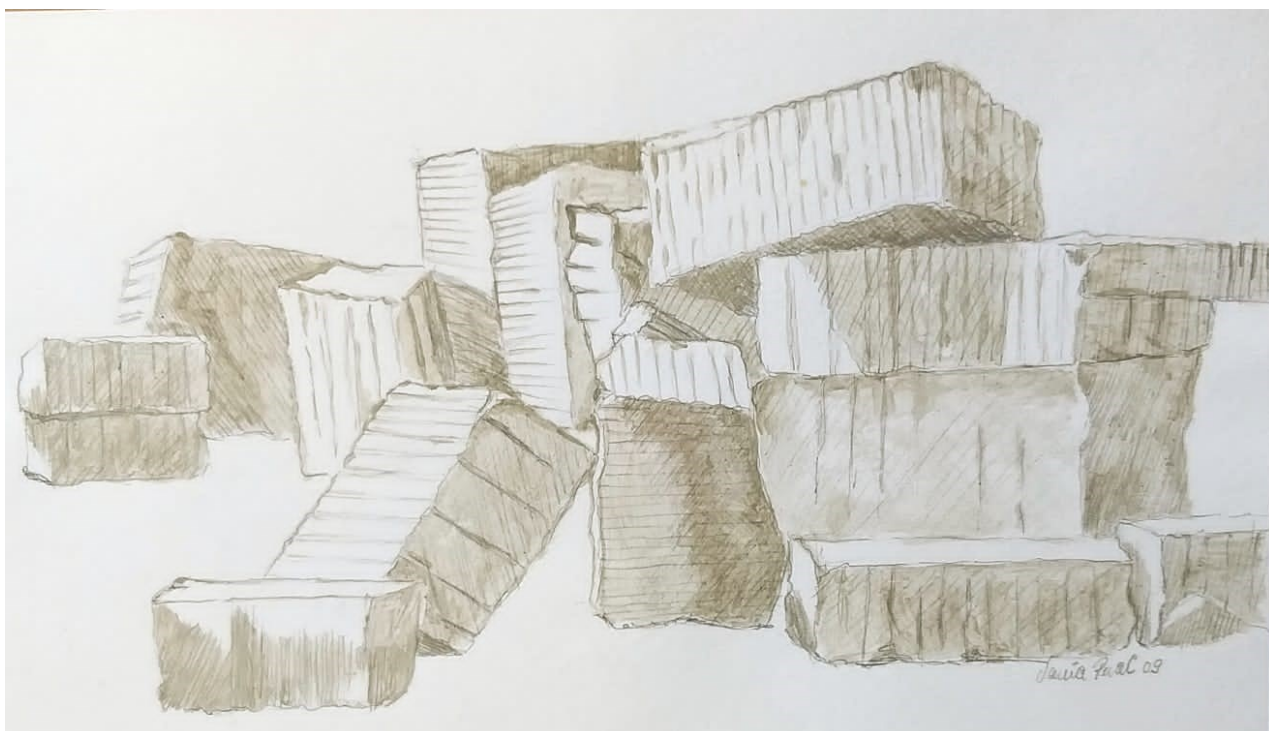
Passagem; técnica mista; 32 x 22 cm; 2022

Teresinha Mazzei



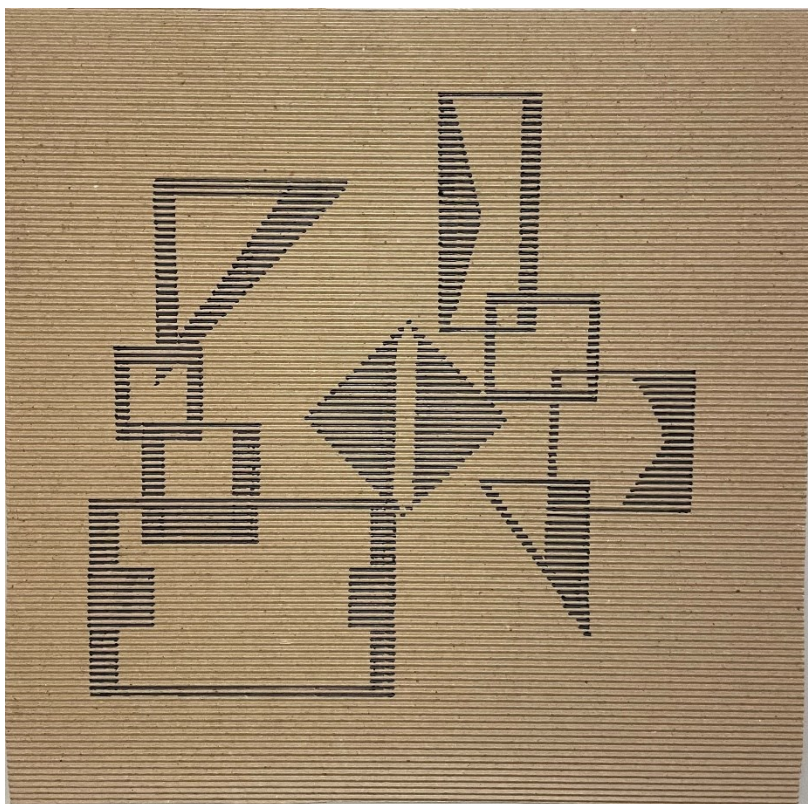
Ventania na Árvore (Ventania na Beira do Lago), Série Diálogo das Linhas; arte digital s/ fotografia de Fios de Cabelos, impressão fine art s/ canvas de algodão; tiragem 10; 80 x 60 cm; 2023

Vania Pena C



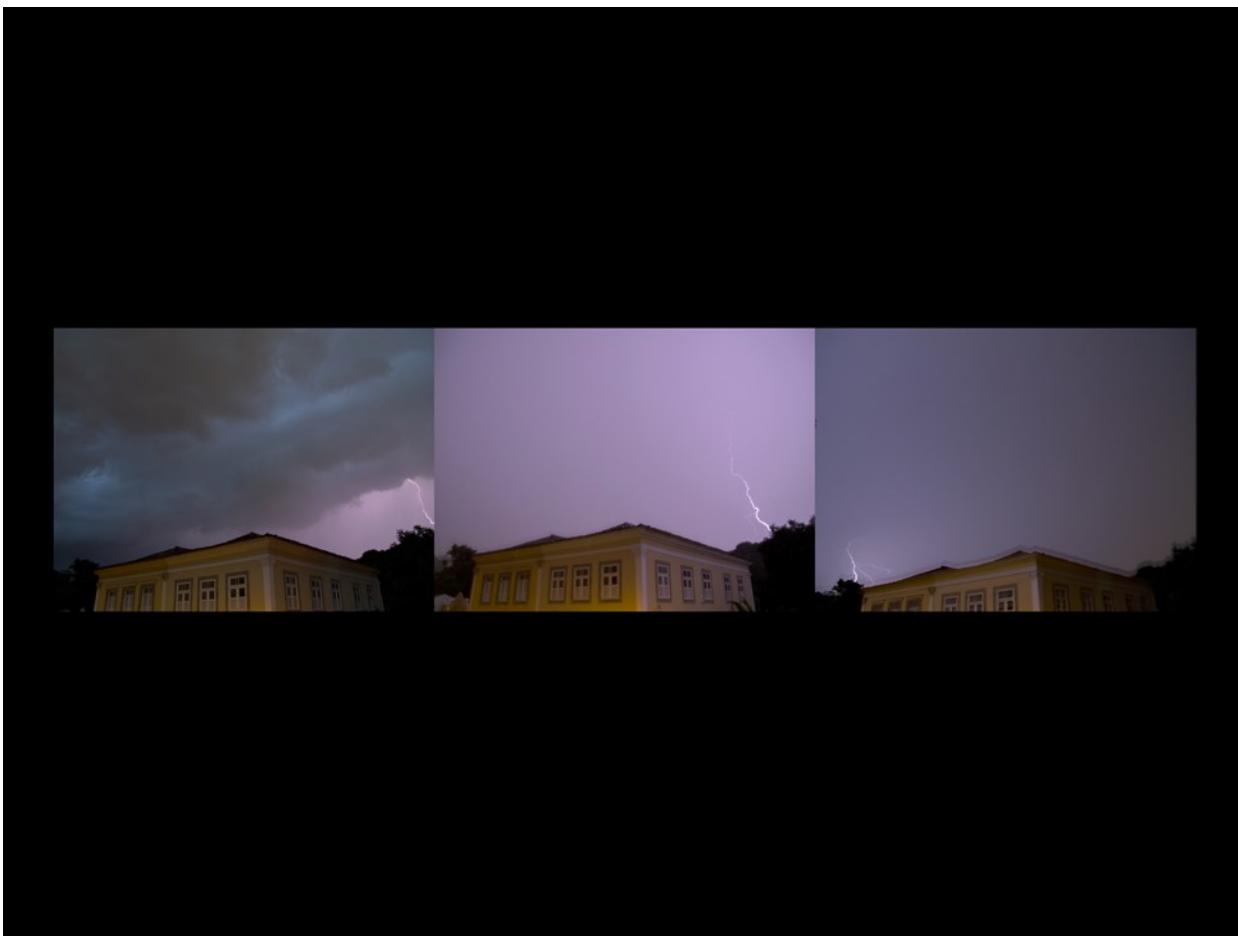
Nature's waste; drawing with abrasive mud, the result of diluting marble and granite blocks on paper; 14,8 x 24,2 cm; 2009

VeraLu



Sem título (Díptico); grafismo em papelão corrugado reciclado em moldura com vidro; 44 x 44 cm cada

Vicente Duque Estrada



Xangô; fotografia digital, impressão fine art; 30 x 40 cm; tiragem 100; 2019-2020

Victor H. Pereira



Flores famintas; cerâmica e lápis demográfico; dimensões variadas;

Vilma Lima



Jardim dos Orixás; arco-flexa em material dobrável, haste em metal, paletas em madeira, corda de algodão, fitas de cetim, vidros, pena sintética e penas naturais; dimensões variáveis; 2023

Yannick Nouailhetas



Do inferno para a escuridão; acrílica s/ papel Canson; 21 x 29 cm; 2023